



# CÂMARA MUNICIPAL DE JACAREÍ - SP

PALÁCIO DA LIBERDADE

Tramitado em Sessão

Cód. 05.00.01.01 · 1C · P

## INDICAÇÃO Nº 2731/2024

Assunto: Criação de memorial para as vítimas da Covid-19 no futuro "Parque Linear Campo Grande – Tekoá-Açu", localizado no trecho da antiga linha do trem Central do Brasil, entre a Avenida Lafayette Benedito Briant, a Rua Leopoldo Leite e a Estrada Municipal Theóphilo Theodoro de Rezende.

**INDICAMOS** ao Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal de Jacaréí que sejam tomadas providências cabíveis visando à criação de um memorial para as vítimas da Covid-19 no futuro "Parque Linear Campo Grande – Tekoá-Açu", localizado no trecho da antiga linha do trem Central do Brasil, entre a Avenida Lafayette Benedito Briant, a Rua Leopoldo Leite e a Estrada Municipal Theóphilo Theodoro de Rezende.

Segue texto de referência sobre o assunto.

Na certeza de recebermos especial atenção ao indicado, subscrevemos agradecidos.

Sala das Sessões, 23 de outubro de 2024.

**MARIA AMÉLIA**

Vereadora - PSDB / Vice-Presidente



**Ministério da Saúde anuncia a criação de um memorial às vítimas da doença que matou 710 mil brasileiros.**

*Ao falarmos de um memorial e de uma política de memória, porque é isso que estamos propondo, não circunscrevemos a pandemia de Covid-19 ao passado. Como todas as reflexões sobre memória, sabemos do componente presente, político, das ações de memória. E, ao mesmo tempo, lembramos que, a despeito de termos superado a emergência sanitária, nós não superamos a Covid-19 como problema de saúde pública. ”*

*“Ao falarmos do memorial, falamos da importante relação entre memória e história. Não circunscrevemos ao passado, mas pensamos também em que projeto nós queremos para a saúde, para o Brasil, para a democracia e para o mundo. ”*

**Pandemia de Covid-19 deixou marcas de profundo sofrimento na população brasileira.**

*“Cabe lembramos da bravura dos trabalhadores do SUS, que enfrentaram com suas vidas essa doença. Antes mesmo da Covid-19 e mais agora no pós-pandemia, a defesa do SUS exige que apontemos para o seu redimensionamento, de modo a dar respostas efetivas às atuais e futuras demandas orientados por um conceito ampliado de saúde”, destacou a médica de família, ao citar desafios como o represamento assistencial imposto pela pandemia, as desigualdades sociais e a crise climática.*

*“A OMS nos lembra: apesar de passada a situação de emergência, continuamos a viver com um vírus que sofre mutações e pode seguir gerando a doença e mortes. A pandemia deixou marcas de profundo sofrimento na população brasileira. Um processo dramático vivido pela maioria das famílias. Isso nos impõe promover a defesa da dignidade humana e da vida. Responsabilizar sim os gestores públicos e privados, negligentes ou omissos, e recompor as políticas de direitos e proteções sociais de forma articulada, com ousadia e expectativas ampliadas. ”*

*“Esse é um assunto importante que nós, como povo, temos o histórico de não darmos a devida importância, e existem muitas consequências disso. Temos uma chance de fazer isso melhor desta vez, não esquecer o que aconteceu. A arte tem um papel muito importante na reconstrução do nosso imaginário de sociedade pós-pandemia”, diz Pavoni.*

*As cerca de 710 mil pessoas que perderam suas vidas para a Covid-19 no Brasil são lembradas no Memorial em homenagem às vítimas, inaugurado no Senado há dois anos, em 15 de fevereiro de 2022. Localizado na parte superior do Auditório Petrônio Portella, o espaço — com estruturas que simbolizam velas — foi pensado para ser um chamamento à reflexão, assim como ao acolhimento dos parentes e amigos dos brasileiros mortos pela pandemia que se alastrou por todo o mundo a partir de novembro de 2019.*



*Somente no Brasil, a Covid-19 acumulou 38,3 milhões de casos registrados até janeiro deste ano. Apesar de o número de casos ser muito menor do que no ápice da pandemia — no biênio 2020-2021 — os registros ainda são significativos. Nas primeiras quatro semanas deste ano foram notificados 769 novos óbitos no país, que, mesmo com pouco mais de 2,5% da população mundial, teve mais de 10% das vítimas fatais registradas da doença.*

*"O monumento tem como compromisso manter viva a memória dessa que é a maior tragédia humanitária da história do Brasil e que deixa uma cicatriz na história do país", disse Renan Calheiros, quando da proposta do Memorial.*

*Os arquitetos André Luiz de Souza Castro, da Coordenação de Projetos e Reformas (Copre) e Vanessa Novais Bhering, da Coordenação de Projetos e Obras de Infraestrutura (Coproj), foram os responsáveis pela concepção da obra, composta por 27 prismas de mármore branco, que simbolizam os estados e o Distrito Federal.*

*A iniciativa de criação do monumento surgiu como resposta a uma demanda da CPI, em um momento profundamente delicado na história. Naquela época, lamentavelmente, já contabilizávamos mais de 600 mil vítimas em todo o país. Nosso propósito, enquanto responsáveis pelo projeto arquitetônico, foi conceber um espaço solene que proporcionasse a reflexão sobre esse período trágico, além de servir como um memorial em honra e respeito às vítimas, tanto em nível individual quanto institucional — relata Castro.*

*Os prismas estão sobre um tablado escuro e possuem iluminação no topo, o que faz remeter a imagem de velas acesas. O monumento foi desenvolvido de forma a permitir aos visitantes a locomoção entre as esculturas.*

*A ideia dos prismas iluminados internamente é que simbolizem velas em honra das vítimas da Covid-19 no Brasil. Como se trata de um memorial, buscamos criar um ambiente tranquilo, de acolhimento e reflexão, localizado em uma área nobre do Senado Federal — explica Vanessa Bhering.*

## **Visibilidade**

*Além da defesa da memória das vítimas, associações formadas por defensores de direitos humanos, lideranças sociais e políticas, assistentes sociais, médicos e demais profissionais da área da saúde lutam para que as famílias dos vitimados — que sofreram diferentes tipos de sequelas — não sejam esquecidas.*

*Em audiência pública na Comissão de Direitos Humanos do Senado (CDH), realizada pouco tempo antes da inauguração do Memorial, o coordenador executivo da Associação Nacional em Apoio e Defesa dos Direitos das Vítimas da Covid19 — Vida e Justiça, Renato Simões, afirmou que é preciso garantir visibilidade às vítimas invisíveis da Covid-19, de forma a alcançar e garantir os direitos para essa população.*



*Dados objetivos são impedidos de serem conhecidos. Quantos são os órfãos da Covid? Serão mesmo 70 mil? Quem são essas pessoas? Quem são as pessoas cujos óbitos não foram devidamente registrados? — questionou à época.*

*A estimativa é de que haja atualmente pelo menos 130 mil crianças e adolescentes que tenham perdido um pai ou mãe ou os dois para a Covid-19.*

*A pandemia da Covid-19 mudou completamente a vida de todos diante do medo e tantas perguntas sem resposta. O vírus ceifou vidas, afetando tantas pessoas que se tornou impossível olhar para o lado e não testemunhar a perda de um familiar, um amigo, um conhecido.*

*Quem perdeu alguém nesse período não pôde ou teve pouco tempo para se despedir. O direito ao adeus e à vivência do luto ficou impossibilitado, tornando o cenário ainda mais difícil. Ter ainda que lidar com a saudade é um desafio. Sentir a vontade de perpetuar a memória e declarar a importância do ente querido são desejos comuns para a maioria das pessoas.*

*Com um memorial online, a Prefeitura de São Paulo e a Secretaria Municipal da Saúde (SMS) encontraram uma forma de homenagear a memória das vítimas da Covid-19 na capital. A plataforma digital A Última Homenagem abre espaço para mensagens póstumas e também oferece apoio emocional a familiares e amigos por meio dos profissionais e dos equipamentos da área técnica da Saúde Mental.*

*No site, é possível publicar mensagens com uma homenagem à vítima, lembrando a história, características e publicar foto da pessoa. Cada registro será simbolizado por uma flor – astromélia, flor de cerejeira, amor perfeito e gerânio – que trazem significados de amizade, gratidão, amor e perpetuação do espírito. Os relatos ficam expostos em memorial acessível a todos.*

### **Conteúdo de apoio**

*Além do mural virtual, o site oferece conteúdo de apoio à saúde mental das famílias em luto. Esse serviço é disponibilizado por meio de uma cartilha com orientações gerais sobre saúde mental e telefones úteis, por exemplo, e também pelo botão “Desejo conversar com alguém”, que orienta o usuário a entrar em contato com um profissional da saúde da rede.*

*Nos últimos 20 anos, quase tudo que escrevi foram textos científicos. Hoje, entretanto, compartilho uma reflexão pessoal, motivado pelo emocionante relato do professor José Ernesto dos Santos, “A vida é bela”, publicado no Jornal da USP em 3 de junho. Nele, o professor Santos (74) descreve experiências únicas de como sua mente lidou com os muitos dias de internação em CTI para tratamento de Covid-19. E, mais tocante*



*ainda, exalta como recuperou a alegria de viver ao retomar sua rotina – as conversas com a esposa, os encontros com os netos e filhos.*

*Uma questão delicada surgiu para mim dessa leitura: será possível para os parentes dos que passaram por drama semelhante, mas que não tiveram a alegria de retomar a rotina com seu ente querido, afirmar tão convictamente que “a vida é bela”? E, como sabemos bem, infelizmente esse grupo de enlutados não é pequeno: no Brasil, cerca de 80% dos pacientes intubados por complicações da Covid-19 em 2020 morreram. Um desses casos com desfecho fatal ocorreu na minha família, em maio desse ano, após mais de 30 dias de internação em CTI.*

*Alguém pode retrucar: mas a vida é assim mesmo... enquanto uns sobrevivem a desastres aéreos, outros partem por um “menosprezado” ataque de artrópode... Mas analisemos o caso do meu familiar com mais atenção – certamente similar ao de milhares de pacientes de Covid-19 no Brasil: uma mulher de 72 anos, portanto abaixo da expectativa de vida para o gênero no Brasil em 2019, de 80 anos; sem doenças de base; e que foi admitida em hospital apenas quando já apresentava saturação de oxigênio abaixo de 90%, comprometimento pulmonar maior que 50% e marcadores inflamatórios elevados. A internação ocorreu em hospital distante 50 km de sua residência, único com vaga em CTI disponível naquele momento – mesmo morando no centro do Rio de Janeiro, onde a densidade de hospitais de alta complexidade é alta. Lá, dividiu a estrutura e atenção da equipe com outros 39 pacientes graves, todos com Covid-19.*

*Zelando pela minha saúde mental, evito tentar estimar as chances de que o desfecho do caso desse familiar tivesse sido diferente se não vivêssemos a pressão sobre o sistema de saúde dos últimos 14 meses. Mas é evidente que essa demanda gigante e concentrada por cuidados intensivos impactou negativamente na assistência prestada a ela, e aos outros pacientes graves em CTIs. Basta considerarmos a alarmante incidência de infecções hospitalares graves por bactérias e fungos multirresistentes nos pacientes graves de Covid-19, que acabam determinando o desfecho desses casos. Enfim, terminamos enlutados, mas com o insistente sentimento de que não precisava ter sido assim. Aqui me solidarizo – de verdade – com a dor dos milhões de enlutados Brasil a fora, que entendem exatamente o sentimento que descrevo.*

*O que me motiva a escrever esse texto é o desejo de contribuir de alguma forma para que essa tragédia humanitária brasileira vivida na pele e na alma por nossa geração não se torne uma distante lembrança desagradável no futuro próximo. Devemos, certamente, celebrar muito a recuperação dos que sobreviveram às formas graves de Covid-19. Mas, mergulhados na forte emoção dessa celebração, não podemos permitir que centenas de milhares de perdas humanas virem apenas registro histórico de interesse epidemiológico quando a vida voltar ao normal e a sociedade estiver se deleitando com o retorno da vida social, com a economia aquecida.*



# CÂMARA MUNICIPAL DE JACAREÍ - SP

PALÁCIO DA LIBERDADE

WS

Indicação nº 2731/2024 - Vereadora Maria Amélia - fls. 6/6

*E a USP é o lugar certo para reverberar esse desejo. Desde o começo da pandemia, nossa Universidade tem dedicado sua força de trabalho ao interesse maior de nossa (ou de qualquer) sociedade: cuidar de vidas humanas. A despeito, é verdade, de uma ou outra voz dissonante que insiste em tentar emprestar base técnica a um discurso fadado a encabeçar a lista das maiores atrocidades coletivas já cometidas na história deste país. Mas a voz da instituição, essa não tem deixado dúvidas: seja na divulgação de informação qualificada, seja produzindo conhecimento novo relevante e avanços tecnológicos, ou ainda se remodelando com impressionante rapidez para proporcionar ensino de qualidade a distância para dezenas de milhares de estudantes na segurança de seus lares. Salvamos muitas vidas com essas medidas, e tenho mais do que nunca orgulho de ser parte da USP.*

*Por isso lanço aqui, no Jornal da USP, meu pedido-apelo: no dia 24 de junho, Jurema Werneck (diretora da Anistia Internacional-Brasil), em depoimento à CPI da Pandemia no Senado Federal, propôs a criação de um memorial em homenagem às vítimas da Covid-19 no Brasil. Para – em adição a prestar nossas homenagens eternas às vítimas dessa pandemia – não deixarmos dúvidas para as gerações futuras sobre o que de fato ocorreu no Brasil em 2020-2021. Conclamo a comunidade uspiana a apoiar essa iniciativa – e que belo não seria ver esse memorial erguido no Campus Butantã! Como parente de vítima dessa pandemia, eu visitaria periodicamente esse memorial, e nele depositaria belas flores em homenagem a quem minha família perdeu, e a tantas outras vítimas (algumas delas colegas da Universidade que morreram trabalhando no combate à pandemia). Se os norte-americanos construíram em Nova York um memorial gigante para as cerca das três mil vítimas do atentado terrorista ao World Trade Center em 2001, quão imponente não deveria ser nosso memorial dedicado às mais de 500 mil vítimas fatais da Covid-19 no Brasil?*

*Não sei se a construção de um memorial ajudaria os enlutados – como eu e minha família – a reencontrar a beleza da vida, como no emocionante caso do professor Santos. Mas isso talvez nos faça ao menos acreditar que as cicatrizes deixadas por essa tragédia não ficarão restritas aos que perderam alguém muito querido. Que ficarão, como deve ser, eternizadas nos corações e mentes de todos nós – inclusive daqueles que, de forma ainda incompreensível para mim, rejeitam a adoção de medidas comportamentais simples que poderiam ter salvado centenas de milhares de vidas. Nossa dor precisa ser dividida com toda a sociedade brasileira.*